

## **SERRA DA CAPIVARA: UM POUCO DE HISTÓRIA, NUM DESTINO TURÍSTICO DE MUITA PRÉ-HISTÓRIA**

Domingos Alves de Carvalho Júnior \*

Antonio Josinaldo Silva Bitencourt \*\*

### **Palavras iniciais**

É no rastro de uma condição histórica – a de realizar viagens – que se firma o que se conhece na atualidade por turismo. O turismo implica não apenas a prática de viagens propriamente dita, mas todo o complexo que está pro trás da comercialização do tempo livre, toda estrutura de equipamentos e serviços, de *marketing*, transporte, hospedagem, alimentação, lazer, etc, criados e desenvolvidos a fim de atender a potenciais viajantes e, sobretudo, fazer circular o capital, dinamizar a economia. Assim é que o turismo se mostra como um dos principais fenômenos da contemporaneidade, movimentando um fluxo de milhões de turistas e cifras de bilhões dólares por ano no mundo inteiro.

A comercialização do tempo livre, e conseqüentemente o desenvolvimento de equipamentos e serviços de atendimento ao turista começaram a ser apresentados como uma alternativa econômica bastante atraente para o Brasil a partir da década de sessenta do século passado, o que se marca com criação da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR..

\*Mestre em Antropologia e Arqueologia pela UFPI, Guia de Turismo Regional/PI e Excussão Nacional Brasil e América do Sul, professor do Departamento de Turismo, Hospitalidade e Lazer do IFPI, Campus São Raimundo Nonato.

\*\*Mestrando em Arqueologia pela UFPI e Especialista em Docência Superior pelo IFPI, Campus de Piripiri.

No Piauí, o “nascimento” de um turismo, como prática econômica e social, teve início na década de setenta do século XX, seguindo os passos da dinâmica nacional, criou a Empresa de Turismo do Piauí – PIEMTUR, não se constituindo num primeiro momento como um plano de gestão para o desenvolvimento da atividade no estado.

O status de destino turístico começa a ser constituído através de um único destino o Parque Nacional de Sete Cidades no norte do Piauí, criado em 1961 – o primeiro criado no estado – como grande atrativo, os seus conjuntos de monumentos geológicos e os sítios de pinturas rupestres. Os governos militares, com a proposta de mudanças, dão sequência a uma proposta de ampliação, com um novo atrativo a Lagoa do Portinho ligando ao litoral.

Entretanto, uma “tímida” campanha publicitária dava conta somente de Sete Cidades e o pequeno litoral, com as praias de Pedra do Sal e Atalaia. Esse discurso e campanha seguem, até a década de 1990, com mudanças agora na perspectiva da infraestrutura para atender o visitante, transformando então seus territórios, em espaços de consumo, para um outro objeto de consumo, criado pelo capital, que para Leite (2001) é o tempo livre.

Para Carvalho Júnior; Soares (2009), a criação de pousadas, balneários a formação dos primeiros Guias de Turismo, se constituí o grande marco do turismo no alvorecer dos anos de 1990 em terras piauienses. Época que concide com a abertura da visitação do Parque Nacional Serra da Capivara, no sudeste do estado. Em 13 de dezembro de 1991, na reunião da Tunísia no continente Africano a UNESCO, concedeu

o título de Patrimônio Cultural da Humanidade ao Parque Nacional Serra da Capivara, fato relevante para a abertura e divulgação do Parque para a visitação turística.

Nesse contexto amplo se produz o objeto de investigação desse estudo: A história do turismo científico, cultural, manifestado no Parque Nacional Serra da Capivara. Trata-se de uma área pertencente a diferentes municípios do semi-árido do sudeste do Piauí. A história do turismo na região de São Raimundo Nonato, surge no contexto em que a publicidade nordestina privilegiava as paisagens litorâneas e silenciava outras, como as áreas de caatinga semi-áridas.

A área arqueológica de São Raimundo Nonato como é conhecida à região que compreende o PARNA, tem vivenciado uma valorização do acervo arqueológico e patrimonial. Dessa valorização resultaram, no decurso de mais de 30 anos de pesquisas e onde os resultados se acumulam a cada dia. Provocando a transformação do lugar e a sua representação como lugar turístico, ocorreu um intenso e rápido processo de redefinições na realidade da comunidade que, em função de receber visitantes, tem seus aspectos físicos, econômicos e sócio-culturais reformulados.

Este estudo se justifica por ser uma contribuição para compreender as especificidades de uma nova segmentação do turismo – Turismo Arqueológico – segmentação rica e ao mesmo tempo complexa onde envolve um diálogo com o ecoturismo e o turismo histórico e cultural, ainda pouco estudado e conhecido num universo de investigação. O que permite refletir a partir das particularidades locais uma visão regional, possibilitando a aproximação entre a História, Antropologia, Arqueologia e Patrimônio.

## **Um pouco de História**

O Estado do Piauí localiza-se na porção oeste do Nordeste brasileiro, limitando-se ao leste com o Ceará e Pernambuco; ao sul e sudeste com a Bahia; ao oeste com o rio Parnaíba, delimitando a fronteira com o Maranhão, e ao norte com o Oceano Atlântico numa faixa de 66 quilômetros, correspondendo a 0,89 % do litoral brasileiro.

É o décimo maior Estado do Brasil e o terceiro maior do Nordeste ocupando 16,2% do território nordestino. Possuindo uma área territorial de 252.378 km<sup>2</sup>, é uma típica zona de transição, apresentando aspectos do semi-árido nordestino, da Pré-Amazônia e do Planalto Central do Brasil. Por sua localização estratégica Meio-Norte, o Piauí permite desfrutar um clima tropical durante todo o ano.

O Estado é dotado de um dos mais representativos acervos arqueológicos internacionais apresentando recursos ambientais conservados e preservados. Conhecer o Piauí significa estar diante de um legado cultural e natural muito rico, revelado em paisagens naturais e no patrimônio arqueológico.

Destaca-se dos demais Estados brasileiro por sua riqueza arqueológica, fato evidenciado através das pesquisas em desenvolvimento no sudeste do estado, há mais de trinta anos. Na atualidade, sabe-se que há pelo menos 60.000 anos o homem pré-histórico já habitava a região onde hoje é o Parque Nacional da Serra da Capivara. De acordo com (GUIDON, 1998:23) “o trabalho arqueológico evidenciou a necessidade de formação de uma equipe de pesquisadores locais, que há mais de quinze anos vêm pesquisando outras regiões do Piauí”. Esse trabalho tem como objetivo levantar as ocorrências arqueológicas, e até o momento já documentou mais de 1.000 sítios distribuídos de norte a sul do Estado.

O homem pré-histórico por questões naturais da própria sobrevivência, procurou habitar áreas próximas a fontes de água e regiões serranas, talvez por estratégias de domínio territorial ou proteção contra ataques de grupos inimigos. Fato que resulta na ocorrência de sítios arqueológicos em locais de extrema beleza cênica e de difícil acesso. Os vestígios desses homens pretéritos são encontrados associados a

monumentos naturais que constituem grandes atrações turísticas: cachoeiras, serras, vales, etc.

No início dos anos de 1970, com a instalação da Missão Franco-brasileira no sudeste do Piauí, coordenada pela arqueóloga Niède Guidon, a cada missão a pesquisa era ampliada e novos dados eram acrescentados aos dados já existentes e a lista de novos sítios arqueológicos (arte rupestre, cerâmica, paleontológico, lítico) aumentava a cada nova missão.

Em 1979 por solicitação da equipe de pesquisadores, foi encaminhado um relatório e o pedido de criação de uma área de preservação permanente. Por decreto foi criado o Parque Nacional Serra da Capivara, com uma área de mais de 100.000 hectares, a pesquisa não parou ao longo de todos esses anos. As novas descobertas aumentam a cada dia.

A criação do Parque teve múltiplas motivações ligadas a preservação de um meio ambiente específico e de um dos mais importantes patrimônios culturais pré-históricos. As características que mais pesaram na decisão da criação do Parque:

**Culturais:** Na atualidade acha-se uma densa concentração de sítios arqueológicos, a maioria com pinturas e gravuras rupestres, nas quais se encontram vestígios extremamente antigos da presença do homem (100.000 anos antes do presente) atualmente estão cadastrados 912 sítios entre os quais, 657 apresentam pinturas rupestres, sendo os outros sítios ao ar livre (acampamento ou aldeia) de caçadores-coletores, são aldeias de ceramistas-agricultores, são ocupações em grutas ou abrigos, sítios funerários e, sítios arqueopaleontológico.

**Ambientais:** área semi-árida, fronteira entre duas grandes formações geológicas – a bacia sedimentar Maranhão-Piauí e a depressão Periférica do rio São Francisco – com paisagens variadas nas serras, vales e planície, com vegetação de caatinga.

**Turística:** Com paisagens de uma beleza natural surpreendente, com pontos de observação privilegiados, essa área possui importante potencial para o desenvolvimento de um turismo cultural e ecológico constituindo uma alternativa de desenvolvimento da região (FUMDHAM, 2013: 07).

Dessa forma, a perspectiva de um turismo histórico, cultural e ou contemplativo foi proposto desde a gênese do Parque.

Para Lage et al (2001) a distância de grandes aglomerados habitacionais e a dificuldade de acesso conferiram a maioria dos sítios do Piauí um excelente estado de conservação o que os destaca das outras regiões do país. Assim os registros gráficos rupestres tem sido o grande atrativo turístico dessa segmentação.

Cerca de 20 sítios foram escavados ao longo de mais de 15 anos e evidenciaram diversos tipos de vestígios deixados pelos homens do passado. Dentre os mais importantes contam-se estruturas como trempes com carvão e restos alimentares, objetos de pedra lascada (facas, raspadores, perfuradores, etc) e a de pedra polida (lâminas de machados comuns e semilunares, mãos de pilão, batedores, etc), resto de utensílios cerâmicos, enterramentos e fezes fossilizadas (coprólitos). Foram também encontrados pedaços de parede com pinturas que permitam datar a prática da arte rupestre na região em pelo menos 26.000 anos.

Os sítios que mais forneceram as datas antigas de ocupação humana foram: a Toca do Boqueirão da Pedra Furada, a Toca do Sítio do Meio, a Toca do Caldeirão dos Rodrigues I. Todos esses são abrigos sob rocha, chamados localmente de tocas, formados pela erosão diferencial, e apresentam-se como local ideal para a proteção contra o sol forte e a chuva.

## **O turismo na Serra da Capivara**

Embora criado em 1979, o Parque Nacional Serra da Capivara, ficou seus primeiros 10 anos abandonado por falta de infra-estrutura e pessoal, com a criação do

Plano de Manejo o título da UNESCO, o parque foi sendo estruturado com a construção de guaritas de acesso, passarelas, estradas, sinalização, elaboração dos circuitos de visitação, treinamento para condutores de visitantes, confecção de mapas, folder sobre o Parque, estacionamento, área para descanso e piquiniqui, além da limpeza dos sítios a serem visitados.

Em 1986, foi criada pelos pesquisadores a Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM, entidade não governamental com o objetivo de gerir o Parque e as pesquisas na região. Atualmente a FUMDHAM, em cogestão com ICMBio administram o Parque Nacional.

Com as campanhas publicitárias o Parque foi oficialmente aberto à visitação em 1995, o perfil do visitante/consumidor do Parque pode ser dividido em dois grandes grupos: um público interno residentes no Brasil em especial no Nordeste, formado sobretudo de estudantes de todas as séries (da educação básica, fundamental, médio e superior), professores, pesquisadores, jornalistas e profissionais ligados às áreas de ecoturismo e arqueologia; e um público externo visitantes/consumidores residentes em outros países com perfil idêntico ao primeiro que busca e aprecia o turismo como fonte de enriquecimento intelectual e pessoal.

Dessa forma o turismo na Serra da Capivara tem se constituído de um turismo de massa, formado na sua maioria de escolas da rede pública e privada que busca o parque como forma de relacionar a teoria da sala de aula à prática. Fato que não propicia a alta ou baixa estação na região. Durante todo o ano existe a visitação sendo que os picos não são os períodos de férias, mas o período letivo regular do calendário acadêmico.

De acordo com dados do ICMBio (2013), o número de visitantes tem aumentado nos últimos 10 anos, de 4.000 visitantes em 2003, o ano de 2011 atingiu 18.000, em 2012 houve uma queda de 4.000 visitantes. Ficando na média 13.000 visitantes nos últimos 6 anos. Isso se deve ao aumento nas campanhas de divulgação do Parque em nível internacional e ampliação dos circuitos de visitação na área.

Em 2001, 107 sítios arqueológicos estavam abertos a visitação turística, em 2002 foram abertos mais 65 sítios, em 2009 mais 82 sítios foram estruturados e abertos a visitação, em 2011, 28 novos sítios. Sendo vários adaptados para portadores de necessidades especiais atendendo a legislação brasileira.

O número de sítios, se multiplicam, junto com os circuitos novos para atender os diferentes públicos que visitam o parque: aventureiros, estudantes, pesquisadores, deficientes físicos, etc.

Para incrementar a visitação e o atrativo, foi criado em 1998 o Museu do Homem Americano, instalado na pequena cidade de São Raimundo Nonato, 40 quilômetros do Parque. O Museu é na verdade um grande presente pra São Raimundo Nonato, ele abriga um resumo das pesquisas desenvolvidas na região. Possibilita ao visitante um contato mais próximo com o resultado das pesquisas que na visita do Parque se constitui em abstração para a maioria do público visitante.

[...] o fenômeno mais geral do desenvolvimento da consciência cultural – quer trate da emancipação do interesse do grande público pela cultura como resultado do alargamento dos tempos de lazer, quer se trate da crescente tomada de consciência cultural, como reação às ameaças inerentes à aceleração das transformações sociais, tem no plano das instituições, encontrando um acolhimento largamente favorável nos museus. Esta evolução é evidentemente, tanto, qualitativa como quantitativa. A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objetos para fins taxonômicos, tem cada vez mais – e alguns disso se inquietam – dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo – que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus ‘san murs’, ecomuseus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna – tem suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica (MAYOR apud PINHEIRO et al, 2011: 45)

A Declaração de Caracas (1992), reafirmou o compromisso social dos museus. E a necessidade de abertura dos museus ao meio, às interfaces com a sociedade, à participação das comunidades, o que requeria um repensar no campo epistemológico,

metodológico, no campo profissional, no caráter indisciplinar e no próprio conceito de patrimônio.

O Museu do Homem Americano, é mais que um atrativo na região pesquisada, se constitui como uma ponte que une o visitante ao resultado parcial ou total da pesquisa em diferentes sítios. Com uma exposição que resume a história da pesquisa no Parque e principalmente sua ligação e importância para arqueologia mundial.

A exposição segue uma cronologia histórica ligada à pesquisa não só na área arqueológica da Serra da Capivara, mas seus tentáculos sobre arqueologia Americana. O Museu não estar abrigado somente em um edifício, com uma coleção para um público específico, mas ressignificado; o espaço museológico, ganha *status* de território habitado, com patrimônio integrado, idealizado e visualizado pelo visitante e pela comunidade, um instrumento de desenvolvimento para seus habitantes/visitantes, mas principalmente como fator didático para pensar o Patrimônio e a História, não do homem americano, mas a de todos “nós”.

## **Finalizando .....**

O patrimônio arqueológico integra o patrimônio cultural material, cujo conhecimento básico é fornecido pelos métodos da arqueologia. Não bastasse sua posição no contexto cultural nacional, é ainda patrimônio de toda a sociedade humana. O turismo arqueológico auto-sustentável procura, sobretudo, preservar o objeto de visitação. A prática de um turismo em áreas ricas em um acervo arqueológico como o Parque Nacional Serra da Capivara tem proporcionado a introdução de valores, de qualidade de vida, os benefícios trazidos pelo o aumento do número de visitantes a cada ano são notados na comunidade.

A história do turismo na área arqueológica de São Raimundo Nonato embora recente, tem se constituído num imenso arcabouço de possibilidades de incremento na visitação, mas principalmente na introdução de novos valores de respeito ao patrimônio humano primevo, a partir da visitação turística na região.

## **Agradecimentos**

Os autores externam seus sinceros agradecimentos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, pelo apoio à pesquisa; ao Instituto Chico Mendes da Biodiversidade – ICMBio escritório de São Raimundo Nonato e ao Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, pela disponibilidade dos dados indispensável para o trabalho.

## **Referências**

AOUNS, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

CARVALHO JÚNIOR, D. A. de; SOARES, C. dos S. Condutor de visitante e turista: um passeio pelos sítios arqueológicos do Piauí. In: Livro de resumo do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. 2009. **Anais...**, 2009

FUMDHAM. Plano de Manejo PARNA Serra da Capivara. **(texto fotocopiado)**.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIDON, N. Sequência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. **CLIO**. Recife, EDUFPE, 1998.

ICOMOS. **Declaração de Caracas**, 1992. Carta dos Museus.

LAGE, M. C. S. M. et al. Plano Diretor de desenvolvimento do turismo Arqueológico do Piauí. **Carta Cepro**. Teresina, V.1, N.1, janeiro/abril/2001.

LEITE, M. R. Entrevendo oásis e silêncios no discurso da propaganda turística oficial do Nordeste. In: GREGOLIN, M. R. et al (Orgs.) **Análise do discurso: entorno do sentido**. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial: São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

PINHEIRO, A. da P. et al. Museus comunitários, museus sans murs. In: PINHEIRO, A. da P. et al (Orgs.) **Patrimônio arqueológico e cultura indígena**. Teresina: EDUFPI, Lisboa: Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, 2011.

PINHEIRO, A. da P.; PELEGRINI, S. de C. A. (Org.). **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010.